

LUÍS DE ARAÚJO*

KIERKEGAARD – PRELÚDIO AO EXISTENCIALISMO

Kierkegaard nasceu há duzentos anos. Durante este tempo, considerável tem sido a sua expansão, vasta a sua influência, profundo o sulco por ele aberto na análise da condição humana.

Para ele o começo da Filosofia não está no espanto, como para os Antigos, mas no desespero e, mais profundamente, na angústia que se relaciona com a experiência concreta da liberdade. Porém, é uma filosofia da angústia sem medo, pois, na sua opinião, o desespero encaminha-se para a fé e a angústia ultrapassa-se na atitude de escolher. A Filosofia deve ser uma meditação da vida, uma elucidação da existência que, para ele, só encontra a plenitude de sentido no âmbito da revelação cristã. A sua fundamental preocupação reside num apelo permanente à coragem que cada individuo deve assumir na afirmação firme da autenticidade da realidade pessoal, isto é, da sua subjectividade aureolada por um sentido de compromisso responsável pela aventura da sua vida. Improvavelmente o ser humano apercebe-se da sua fragilidade temporal onde as suas opções podem ocasionar a catástrofe, podendo afirmar-se que o absurdo se torna familiar da realidade quotidiana. Nesta perspectiva, Kierkegaard é nosso contemporâneo porque ainda nos fala, procurando responder a necessidades do tempo presente, que se expressa no aprofundamento do drama essencial da existência e de todas as razões, motivos e finalidades que lhe andam associadas. De facto, trata-se de dar algum sentido à vida, ir até ao fim da exigência pessoal de compreensão, entrever uma possibilidade de salvação, a partir do primado irreduzível da interioridade a fim de, para além do desespero, da angústia e do fracasso, atingir a mais alta serenidade.

* Professor Catedrático do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Email: laraujo@letras.up.pt.

A sua obra é inseparável de uma vida atormentada, embora capaz de algum humor e de lirismo. Com efeito, foi verdadeiramente o primeiro pensador da Modernidade que reivindicou o primado da existência oposta à reflexão abstracta e que fez desta existência concreta o traço de união com a verdade humana, cuja tarefa intimidante consiste na busca, imperativa e sempre urgente, do sentido para a vida.

Reconhecendo com Kierkegaard que o pensamento se une à experiência da vida importa destacar alguns dados biográficos para uma melhor compreensão da sua obra.

Nascido na Primavera de 1813 em Copenhaga, é o sétimo filho de uma família cujo pai fez fortuna como comerciante, o que mais tarde permitiria a Kierkegaard viver sem quaisquer preocupações financeiras. Recebeu uma educação marcadamente religiosa e severa, de acordo com uma interpretação melancólica do Cristianismo, obcecada pelo sentimento do pecado e pela ideia permanente de predestinação para a infelicidade. Tendo iniciado um curso de Teologia – e não de Filosofia – abandonou-o pouco depois e preferiu levar ao longo de alguns anos, uma divertida vida de «dandy» e de «donjuanismo». Só retomará os estudos após a morte do pai, em 1838. Dois anos mais tarde apaixonou-se e pede em casamento uma encantadora jovem, todavia pouco depois considerando que, afinal, não sentia vocação para o casamento, rompe brutalmente com o noivado em 1841, episódio que o irá afectar para o resto da sua vida, aliás tragicamente limitada a 42 anos de duração. Vai para Berlim e segue os curso de Schelling que o decepcionam, regressando a Copenhaga onde se entrega à leitura e à escrita com grande ritmo. Refira-se só para o ano de 1843 a elaboração de três obras – *A Alternativa*, *A Repetição* e *Temor e Tremor*. Em seguida escreve as *Migalhas Filosóficas* (1844), os *Estádios no caminho da vida* (1845) e em 1849 o incontornável tratado sobre *O Desespero Humano*. Nos anos seguintes envolve-se em diversas polémicas numa autêntica cruzada contra a Igreja oficial, acusando os eclesiásticos de perverterem o sentido original do Cristianismo. Por fim, justamente em Novembro de 1855, após uma queda em plena rua, virá a falecer apenas com 42 anos. Significativa virá a ser a influência do seu pensamento e a tal ponto que Wittgenstein o há-de considerar «de longe, o pensador mais profundo do século XIX». Talvez exagerada esta apreciação, porém, importa considerar que Kierkegaard alcançou grande impacto, sobretudo a partir do final do século XIX e em diversos filósofos do século XX, de Chestov a Berdiaeff, de Heidegger a Sartre e Gabriel Marcel, passando por Miguel de Unamuno cuja obra pode considerar-se, em parte e no essencial, a recriação ibérica da temática Kierkegaardiana. Há, também, ecos em Portugal, por exemplo, o acolhimento de algumas perspectivas por Leonardo Coimbra e na actualidade a sua presença divisa-se singularmente na obra de Eduardo Lourenço.

Na realidade, este grande pensador dinamarquês do século XIX antecipou alguns aspectos centrais do pensamento contemporâneo, particularmente significativos no Existencialismo. Com efeito, será razoável admitir a dimensão pioneira a esta destacada corrente filosófica do nosso tempo. Seguramente pode falar-se de uma abertura, apenas um proémio onde se evidenciam algumas linhas de rumo que caracterizam o Existencialismo, tais como a afirmação da subjectividade total do ser humano, bem como a ideia de compromisso e ainda o imperativo de autenticidade que importa esclarecer em seguida.

Ao mencionar a subjectividade, incontornável fundamento de todo o Existencialismo, sublinha-se que o individuo, conceito recorrente em Kierkegaard, constata directamente que existe em si, por si e para si. Diante do enigma do seu destino, o ser humano inexoravelmente procura em si mesmo, os fundamentos da justificação da sua existência. Ora, a esta busca, o pensador de Copenhaga irá dedicar toda a sua vida, reparando que os sistemas de pensamento são incapazes de esclarecer esta legítima reivindicação da pessoa e, sobretudo, de explicarem fenómenos existentes como o sofrimento, a doença ou a morte, não indo, por vezes, além de dogmatismos ou afirmações vazias e abstractas. Afinal o que existe, por exemplo, não é o conceito de sofrimento, mas sim seres humanos que sofrem. Kierkegaard sublinha, por outro lado, que o existente conhece e aspira a ideais supremos, tais como, a verdade, a beleza e a justiça que a realidade cruelmente ignora ou ridiculariza. O pensador descobre, em si mesmo, que o problema humano crucial se chama temporalidade, que todos os indivíduos suportam, mas não dominam, porém importa assumir para não desprezar a própria condição humana. Por este motivo, Kierkegaard irá reflectir, na mais célebre das suas obras *Ou ... Ou* neste conceito de subjectividade. Nessa metódica investigação surge a célebre meditação acerca dos três estádios da vida, onde passando do estético ao ético, somente após o salto para o religioso, segunda a sua opinião, será possível uma absoluta segurança à consciência que assim abandonará o relativismo, encontrando o sentido para a existência, mediante a vivência da fé que lhe permitirá descobrir a sua verdade, a sua singularidade abrindo-se àquilo que o transcende infinitamente. Resultará daqui, necessariamente, uma radical opção que compromete a totalidade da existência e a questão é a seguinte: por qual possibilidade de vida optar? Ora, Kierkegaard distingue vários modos de se relacionar consigo e com o mundo, precisamente o que designou com a expressão *estádios de vida*. Repare-se, porém, que não se trata de episódios sucessivos no âmbito do percurso existencial. Não são etapas necessárias de um antecipado itinerário. Correspondem a modos de ser e agir determinados, modos de existir bem diferenciados e de valor desigual. Cada um exprime perspectivas de uma relação específica consigo e com o mundo. A passagem eventual de um estádio a outro transfigura internamente a existência. Kierkegaard aponta três estádios, o estético, o ético e o religioso, sublinhando a respectiva tónica essencial – no está-

dio estético, o modo de viver está sob o signo das sensações e dos prazeres, ao ritmo do turbilhão dos desejos que, todavia, conduz a um impasse, um sentimento de vã repetição que tende a confinar-se à melancolia e a um certo desespero. Já no estádio ético ultrapassa-se o devaneio permanente. O indivíduo opta, deliberadamente, pelo sério da existência, tomando partido pelo compromisso e não pelo puro egoísmo. Responsabilidade e dever são as dimensões fundamentais deste estádio onde a vida se conforma com as normas sociais gerais. Todavia, para Kierkegaard, este estádio não possibilita ainda uma vida verdadeiramente singular, afastada da comunidade. Daí que nos aponte o estádio religioso que coincide com o salto da vivência da fé que consistirá na expressão mais absoluta na entrega a Deus e só aqui o indivíduo descobrirá a sua verdade e singularidade. Com efeito, para Kierkegaard, sem a abertura à ideia de transcendência, a humanidade estará votada ao desespero. Encerrado no sofrimento, com incertezas e dramáticas dúvidas, o ser humano não pode evitar um debate consigo mesmo e com Deus, acreditando que a sua existência está ligada por um misterioso pacto com Deus. Repare-se que estamos em pleno âmbito da crença, muito longe, portanto, do terreno das ideias. De facto, fora da fidelidade religiosa, a obra deste pensador é absurda e incompreensível. Tudo será mais claro desde que à luz da religiosidade cristã – eis a aposta, mais voluntarista que intelectual, de um peregrino do Absoluto cuja linha de conduta será a de se colocar ao serviço do cristianismo autêntico, isto é, não aburguesado nem conformista como, segundo a sua opinião, acontecia na Dinamarca do seu tempo. Por outro lado sempre acreditou na tradição central do cristianismo protestante onde o que interessava acima de tudo era a relação directa da alma individual com Deus.

Muitos pensadores concordaram com as ideias de Kierkegaard até este se referir a Deus, mas não partilham a sua crença em Deus. Permaneceram filósofos, não aceitando o sacrifício ou a renúncia da Razão perante a Fé. É, aliás, neste sentido que vieram a desenvolver-se, lado a lado, duas linhas paralelas do Existencialismo que ele influenciou – a perspectiva religiosa cristã e a outra simplesmente humanista.

Na realidade, no fundo das decisões de Kierkegaard existiram sempre motivos religiosos acima da racionalidade que, para ele, apenas tem valor para o conhecimento científico. Nunca se interrogou, porém, em que medida o ser humano pode justificar a sua convicção num absoluto para lá do foro subjectivo, tornando-se, afinal, mais simplista a adesão pela fé que, em verdade, não passa de um salto no desconhecido. Kierkegaard teve alguma consciência da dúvida, mas colocado perante o enigma essencial, considerou que o ser humano terá de buscar em si mesmo, na sua subjectividade, os fundamentos para a justificação da sua existência, todavia rejeitando colocar racionalmente em questão a fé de índole religiosa, não criticando os seus postulados nem os seus fundamentos, evitando perspectivá-la como uma manifestação de conhecimento ilusório, aparente

e alienante, preferindo considerar-se como alguém chamado pela Providência para uma tarefa prevista como essencial – precisamente a de convidar para a atenção do Cristianismo, à qual dedicou quase toda a sua vida.

Kierkegaard foi, também, defensor da experiência do compromisso, de certo modo precursor do «engagement» nuclear do futuro Existencialismo. A sua adesão religiosa comprometeu toda a sua vida, a ponto de a ter considerado como a vocação ou a missão da sua existência, pois a partir do momento em que a evidência do fim a atingir lhe apareceu com todo o rigor, nada mais há a fazer, segundo ele, do que aproximar-se de Deus com todas as suas forças e entusiasmo. Esta atitude evidencia-se considerando a detalhada análise crítica a que procedeu relativamente ao modo como o Cristianismo era pensado e praticado na sua circunstância. Com efeito, o autor de *O Conceito de Angústia* não permaneceu no conforto intelectual e sereno de uma mera interpretação, ao contrário, com grande tenacidade, desenvolveu enérgicos ataques ao cristianismo institucionalizado. Viveu e sofreu com o seu pensamento patenteando assim a perspectiva, que posteriormente o Existencialismo assumirá, de estabelecer relação directa entre pontos de vista e compromisso pessoal. De facto, Kierkegaard manifestou sempre uma vontade de compromisso intelectual e moral que confere um valor primordial a uma reflexão incessantemente movida pela articulação entre pensamento e acção, diagnóstico da situação e eventual proposta de alteração que, sem margem para dúvida, é a marca que a lucidez e a coragem sempre opõem às interpretações recebidas e assumidas sem exigência crítica. Porque, e aqui está outra aproximação à temática existencialista, não poderá contestar-se um só instante que seja, a autenticidade de toda esta diligência onde é visível uma profunda coincidência entre a evolução da sua existência pessoal e do seu pensamento. Dir-se-ia que nele habitava uma plena honestidade e integridade. Kierkegaard quis refutar todas as atitudes de fachada, assumiu a angústia e o desespero ao preço de um compromisso pessoal em todos os momentos, rejeitou sempre as palavras vazias para tentar chegar ao essencial e isto é querer que a autenticidade esteja sempre presente nas suas atitudes. É tudo isto porque para ele é sempre preciso escolher e, a partir do momento em que a verdade apareça à pessoa humana, se esta é fiel a si mesma, a opção deve manifestar-se no seu agir, porque aí residirá a rectidão da existência. O individualismo Kierkegaardiano é radical, porque é preciso realizar com nitidez a autenticidade da existência e afastar tudo o que se interpõe entre o ser humano e a sua verdade. Dir-se-ia que, para ele, a História, a Razão, a Ciência e a Política não passam de formas do sistema que afastam o indivíduo de se concentrar em si mesmo e de obedecer à sua vocação original de existir. Há nesta linha de pensamento uma indiferença relativamente à realidade concreta dos seres humanos, seguramente censurável a um pensador da condição e situação humanas. Não acompanho este ensimesmamento gerador de uma espécie de exílio entre os homens, fruto de um arrebatado pendor inclinado para

a abstracta espiritualidade religiosa, dissipando a responsabilidade intelectual em pensar a condição humana na sua concreta realidade. Tudo seria diferente se tivesse assumido a plena vocação social do Cristianismo; faltou-lhe a atitude de reformador de que a sua época carecia incontestavelmente. Não obstante, há que reconhecer que a sua obra foi uma luta contínua contra a demissão da coragem de pensar e de se determinar perante as alternativas e não simplesmente evitá-las. Há no seu pensar uma chamada de atenção para que os seres humanos tentem ultrapassar o flutuar das convicções, o esquecimento do essencial, a perda de individualidade no conformismo, a indiferença que não denuncia dogmatismos e relativismos e a fuga à clarificação das questões essenciais que cada um se coloca a si mesmo. Há, incontornavelmente, no pensamento de Kierkegaard, uma incessante reflexão em torno das ideias de compromisso e de autenticidade, sem qualquer sinal de fingimento ou hipocrisia, com vista a uma plena personalização mediante o empenho na autorealização concreta pelo exercício da liberdade. Sem dúvida ao ritmo de um exagerado solipsismo e pessimismo que, talvez, explique não se ter preocupado em compreender o indivíduo na sua historicidade de ordem social e política – nada lhe interessou, por exemplo, reflectir nos acontecimentos capitais vividos em França em 1848 e a sua repercussão por toda a Europa – contudo, assumiu-se, a seu modo, na defesa da dignidade humana contra diversos sinais de uma civilização que tendia a destruir a decisão livre dificultando a autorealização de cada ser humano. Todavia, sistemático sem espírito de sistema, dramático e solitário, por vezes paradoxal, Kierkegaard surge-nos como um filósofo do saber sapiencial e sentimo-lo, na hora presente, decerto ainda vivo, mais naquilo que ele visou do que naquilo que logrou exprimir através de uma voz modulada pela reflexão e pela vida, que vale a pena escutar. Criticamente.